

A “Revolução de 30” no interior da Bahia: da queda da última barreira legalista, à formação dos primeiros partidos políticos (Alagoinhas, 1930-1934)

ELIANA EVANGELISTA BATISTA*

O movimento revolucionário que despontou na madrugada de 03 de outubro do ano de 1930 em alguns estados do Brasil, apesar da sua importância para o momento político do país daquele período, parece não ter impactado, de imediato, pequenas cidades do interior. Na edição de 04 de outubro daquele ano, o jornal *Correio de Alagoinhas*, o principal periódico da segunda cidade mais importante do estado da Bahia, à época, não fez nenhuma referência ao movimento. A principal matéria da edição, intitulada “Festa da Árvore”, informava sobre a reunião dos políticos mais importantes da cidade naquela festa cívica, comumente comemorada pelas instituições de ensino no Brasil, desde os anos iniciais da República. (CORREIO DE ALAGOINHAS, 04.10.1930).

Na semana seguinte, os leitores do referido jornal passaram a ser informados do acontecimento. A 11 de outubro de 1930, o “movimento subversivo”, conforme é tratado pelo jornal, virou matéria de primeira página, ironicamente chamado de “A Borrasca Revolucionária”. A sublevação foi tratada no corpo da matéria como um ato que merecia a censura imediata de todos quantos prezavam o Brasil. Assinalava que o movimento, que parecia grave, não teria piores consequências, em vista das medidas tomadas pelo então presidente Washington Luiz, que também foram enumeradas no texto. Entre essas medidas, o Decreto de Sítio foi a primeira que atingiu diretamente a cidade de Alagoinhas, pois àquela data, os seus praças já haviam sido subtraídos pelo Exército, deixando a cidade desguarnecida e, segundo o editor do jornal, a população sem segurança. (CORREIO DE ALAGOINHAS, 11.10.1930).

Na edição seguinte, datada de 18 de outubro de 1930, o movimento voltou a ser referido apenas em uma pequena nota da primeira página do jornal. Ao que parece, os redatores mal podiam imaginar que cinco dias depois seria a cidade de Alagoinhas, o último palco de batalha entre “legalistas” e “revolucionários”. (CORREIO DE ALAGOINHAS, 18.10.1930).

* Universidade Federal da Bahia. Doutoranda em História Social. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB).



Na década de 1930, Alagoinhas era uma cidade privilegiada por se constituir passagem obrigatória para o sertão de Juazeiro e o Estado de Sergipe em função da linha

férrea que a cortava, ligando-a também a Salvador, capital do Estado, com uma distância de aproximadamente 123 quilômetros, o que possibilitou o seu crescimento em detrimento às suas congêneres do sertão, especialmente no que se refere ao comércio, que já era tomado como um grande exportador de fumo em corda e em rama, laranjas, farinha de mandioca e seus derivados.

No campo da política, o cenário desenhado na cidade desde a campanha eleitoral do ano de 1929 foi de apoio à chapa situacionista. Na data 27 de agosto desse ano, importantes líderes políticos locais assinavam um telegrama em apoio a essa aliança. Esse documento foi publicado com a legenda “A unificação da política local”. Entre os assinantes, nota-se Dantas Bião e Saturnino Ribeiro, o primeiro, era correligionário do baiano Otávio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores, e o segundo era o prefeito do município de Alagoinhas. Além deles, havia Joaquim Cravo, que meses depois aderiu à Caravana Liberal. (CORREIO DE ALAGOINHAS, 27.08.1929).

A campanha em favor de Vital Soares, portanto, era matéria privilegiada do *Correio de Alagoinhas*. Este, por sua vez, noticiou também sobre a “Caravana Liberal”, principalmente quando ela chegou à cidade para realizar um comício em prol de Getúlio Vargas. Além do compromisso com a informação, essa Caravana, que emprestava apoio a Chapa Getúlio Vargas/João Pessoa, era conduzida na Bahia por J. J. Seabra, político ao qual os alagoinhenses nutriam muita admiração (CORREIO DE ALAGOINHAS, 11.02.1930; 26.02.1930). Conforme mencionado, durante o evento, o coronel José Lúcio dos Santos e Joaquim Cravo aderiram ao movimento Liberal, sendo que o primeiro já o havia feito publicamente, através de manifesto veiculado na Imprensa local e reproduzido na capital do estado, bem como nos *Jornais Associados* do Rio de Janeiro (CORREIO DA MANHÃ, 25/02/1930).

O resultado das eleições na cidade naquele ano, apesar da acirrada disputa de poderes entre os dirigentes locais, mostra que prevaleceu o interesse em rever um baiano em um dos postos políticos mais importantes do país. Em Alagoinhas, assim como na capital, venceram os situacionistas (CORREIO DE ALAGOINHAS, 11/03/1930). Sob esta ótica, e tomando o exemplo da cidade de Alagoinhas para se pensar outros municípios da Bahia, é possível compreender o porquê do consenso entre os historiadores, de que a Revolução de 30 não encontrou solo fértil para crescer no estado. Havia, por parte dos baianos, muitas restrições em relação aos militares, em função, também, do combate aos tenentes durante a passagem da *Coluna Prestes* no Estado. (SILVA, 2011: 24-25)

Essas restrições, no entanto, não seriam empecilhos para os revolucionários de 30. O Estado da Bahia precisava ser ocupado para que a “Revolução no Norte” obtivesse êxito, razão pela qual Alagoinhas entrou no mapa das estratégias traçadas pelos militares, por um lado, e pelo governo do Estado e o Ministro do Interior, por outro. Na data de 14 de outubro de 1930, o jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, transcreveu um comunicado oficial do governo. No texto, a informação passada por ele é a de que, em relação ao Norte a situação era de absoluta calma. Nesses estados, segundo informavam, tudo se mantinha inalterado. Na mesma edição transcreveram um comunicado recebido do Ministro do interior no qual descreve as operações das “forças legais.” Em relação à Bahia destaca:

(...) Na Bahia, o general Santa Cruz, que se encontra na capital do Estado organiza ativamente poderosos contingentes de tropas regulares para operar nos setores do Norte, de acordo com as unidades navais concentradas no porto e aparelhadas para entrar em combate.

Levantaram-se em toda parte os batalhões patrióticos em defesa da legalidade. Na Bahia, os coronéis Franklin de Albuquerque e Horácio de Matos, que há anos, com tanta eficiência apossaram na zona sertaneja as tropas rebeldes do Luís Carlos Prestes, já organizaram cada qual, três batalhões como o efetivo de quinhentos homens em cada unidade.

Do coronel Franklin de Albuquerque recebeu o presidente da República o seguinte telegrama: “obedecendo firme orientação senador Pedro Lago, Deputado Simões Filho e dr. Geraldo Rocha, organizei batalhão defesa legalidade respeito poderes constituídos e nesse posto v. ex. encontrará como de costume” (CORREIO DA MANHÃ, 14.10.1930).

As tropas revolucionárias, por sua vez, já haviam traçado o plano para sublevar à Bahia. A invasão ocorreria por Barracão, Alagoinhas e Timbó, de um lado, e do outro, por Juazeiro. Essa parte da luta teria sido a mais árdua, segundo entrevista dos coronéis Aguinaldo de Menezes e Aloysio Moura, concedida ao periódico carioca *O Jornal*. O texto dessa entrevista foi publicado na edição de 12 de novembro de 1930 na matéria “A ação heroica e fulminante da coluna Juarez Távora no Norte” que entre outros subtítulos destacou “A vitória revolucionária na Bahia e a derrota dos jagunços em Alagoinhas” (*O JORNAL*, 12.11.1930).

Após enumerar as ações dos militares nos estados de Recife, Alagoas e Sergipe, os entrevistados descreveram todo o movimento das tropas revolucionárias na Bahia. Além dos militares de João Pessoa e da Paraíba que aderiram ao movimento, destacaram a participação de voluntários, estudantes pernambucanos, paraibanos e rio-grandenses do norte. No total, formavam cinco Comandos que, tendo seguido para Aracaju em cem caminhões, tomaram a Estrada de Ferro Este Brasileira que levava à cidade de Salvador. (*O JORNAL*, 12.11.1930).

Em Capianga, onde fariam a primeira concentração, recebeu a adesão do 19º Batalhão que fazia a vanguarda das tropas baianas. Dessa maneira, mais seiscentos homens engrossaram a marcha sobre Alagoinhas. O plano para a invasão da cidade consistia em:

O G.B.C Juracy Magalhães fixaria o inimigo na frente de Sauípe. O G. B. C. Aguinaldo faria o desdobramento pelo flanco esquerdo do inimigo ocupando Aramari e cortando a Estrada de Ferro de Serrinha/Juazeiro; o G.B.C. Monteiro Faria o desdobramento pelo flanco direito na direção de Araçás e Sítio Novo cortando a retaguarda das tropas e a sua ligação com Salvador, o G.B.C Affonso Ribeiro ficaria de reserva (O JORNAL, 12.11.1930).

Em relação às tropas legalistas, afirmavam que eram formadas por quatrocentos homens da Polícia da Bahia, seiscentos jagunços de Horácio de Matos e Geraldo Rocha denominado “Batalhão Patriótico das Lavras Diamantinas” e cento e oitenta praças do 21º Batalhão que fugiram do Recife quando a “Revolução estorou”. Não podiam contar, conforme ficou destacado, com parte dos homens do 19º Batalhão que “ergueram o lenço vermelho”. (O JORNAL, 12.11.1930).

Era este o cenário de guerra que envolvia a cidade de Alagoinhas e os seus aproximados 40 mil habitantes naquele final de outubro. Na manhã do dia 23, os moradores foram avisados que a Revolução estava chegando à cidade. Um aeroplano sobrevoou-a, às 6 e 30 da manhã, distribuindo um Boletim intitulado “Apello”, datado de 20 de outubro e assinado por Juarez Távora. Dirigido aos integrantes do 19º Batalhão, dos navios da esquadra surtos na Bahia, à Força Pública da Bahia e ao povo baiano, o documento relatava os motivos que levaram àquela Revolução. Avisava aos baianos que os “irmãos do Norte” já haviam aderido à Revolução e ainda listava todos os Batalhões que acompanhavam os revolucionários, incluindo parte do 19º, que era da Bahia. (SETE DIAS, S/D).

O texto com qual os revolucionários finalizaram o boletim, certamente foi o que mais criou pânico entre os moradores. Pedia ao governo baiano para libertar-se das criminosas sugestões e egoísmos do poder central que agonizava e poupasse as famílias baianas de inúteis dias de desespero. (SETE DIAS, S/D).

A memória desse acontecimento foi sedimentada em torno da imagem de uma população heroica, que abrigou na cidade as tropas legalistas e enfrentaram bravamente os revolucionários. O jornal *Sete Dias*, destacou que foi nos tabuleiros de Alagoinhas que ecoaram os últimos sibilos das armas vitoriosas. Diante da debandada geral dos governos do

Norte, o da Bahia teria resolvido “defender a capital a qualquer preço, designando Alagoinhas para o último e decisivo ponto de resistência às forças inimigas”. (SETE DIAS S/D).

No jornal foi narrado todo processo de ocupação da cidade, desde o acolhimento dos “Batalhões Patrióticos” e da polícia baiana que ficaram na principal praça e nos principais prédios da cidade, ao transporte de colchões e cobertores, requisição de automóveis e caminhões aos moradores, a evacuação da população que temia por suas vidas deixando o centro e recolhendo-se nas matas, até o “duelo fratricida” que permitiu aos revolucionários conquistar a cidade palmo a palmo, atingindo a tiros a Estação Ferroviária da cidade e o último ponto de ligação telegráfica (SETE DIAS S/D).

Salomão Barros, um memorialista local recorrentemente citado pelos historiadores da cidade, também fez o seu registro desse acontecimento. Em sua narrativa, porém, Alagoinhas torna-se importante para a Revolução por acolher os vitoriosos combatentes na cidade, onde, ante a notícia da vitória no Rio de Janeiro, foi firmada a paz e anunciada a vitória da Revolução, às 10 e 30 da manhã, de 24 de outubro de 1930. Ainda nesta cidade, na sede do *Centro Operário Beneficente de Alagoinhas*, o general Ataliba J. Osório assumiu, ao entardecer, as funções de Interventor Federal no Estado da Bahia (BARROS: 1979, p. 206).

Ainda que tenham sido narrativas elaboradas alguns anos após a Revolução de 30, elas não destoam dos relatos que os coronéis fizeram ao periódico *O Jornal*, do Rio de Janeiro, no começo de novembro daquele ano. De acordo com a entrevista, o G.B.C Juracy avançou até Sauípe, distrito de Alagoinhas e aí sustentou combate durante quatro horas com jagunços de Geraldo Rocha, forças do 21º Batalhão e elementos da polícia baiana. Relatam ainda, que após quatro horas, os jagunços “bateram em retirada desordenadamente, deixando pelo caminho armamento, munições, gêneros, roupas e feridos” (O JORNAL, 12.11.1930).

Mal tinham vencido esta etapa, a notícia da vitória sobre o Rio de Janeiro foi captada por um rádio em Capianga. Ante essa informação, as tropas de Juracy Magalhães firmaram a paz no local do combate, marcharam sobre a cidade e após prenderem o Major Franklin Queiroz e os seus quatrocentos jagunços, anunciaram a vitória da Revolução. Ocupada a cidade, mudaram o seu nome para Juarez Távora, deliberação que, segundo afirmaram, foi recebida com júbilo e entusiasmo do povo (O JORNAL, 12.11.1930).

Agildo Barata, em entrevista ao jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 26 de novembro daquele ano, fez uma revelação importante a respeito da invasão à Bahia e da

Revolução em todo Norte. Segundo ele, Juracy Magalhães teria sido a alma da Revolução, comparável somente a Siqueira Campos em serenidade, coragem e amor ao Brasil. (O JORNAL, 12.11.1930). Em Alagoinhas, Juracy Magalhães foi acolhido pela família Cravo, cuja adesão a Aliança Liberal se deu no mês de agosto de 1929, um ano antes do movimento revolucionário. Não por acaso, foi o filho do anfitrião Joaquim Cravo, que assumiu a interventoria do Estado no município, permanecendo à frente do posto até 1937: Mário Cravo Junior.[†]

Passada à cidade Joaquim Távora, Alagoinhas se tornou um dos principais cenários onde foram reproduzidas as contendas em torno da disputa pelo poder no Estado. Dada a sua condição de reduto eleitoral do Ministro Otávio Mangabeira, que nela viveu poucos dias de sua infância e que era um dos principais referenciais políticos da Bahia à época, e ao fato de que o seu correligionário local, Joaquim Climério Dantas Bião, senador eleito e médico da cidade, era uma das maiores forças da política doméstica, a cidade de Alagoinhas passou a ser alvo de uma série de medidas dos homens que assumiram a interventoria do Estado.

Em âmbito local, ainda que com idade avançada, Dantas Bião se colocou como antagonista aos seus antigos aliados da política. Junto a Carlos Olympio Pinto de Azevedo, que era Deputado Estadual à época da Revolução de 30 mantiveram, desde os primeiros meses do ano de 1931, contato com Otávio Mangabeira, no exílio, e com os jovens liberais soteropolitanos, que estavam organizando a oposição na Bahia.

Em verdade, os primeiros dias após a Revolução de 30 foram de muitas indefinições em todo o Estado. Ainda que guardassem as suas ressalvas em torno do movimento, representantes políticos da Bahia, a exemplo de João Mangabeira, reconheciam que a Revolução havia tido um importante papel ao desarticular a “máquina opressora” que havia sido a Primeira República, e que, certamente, o Brasil caminharia para “melhores destinos” (CARTAS DO EXÍLIO, 2012: 89).

Em edição de 15 de novembro de 1930, o jornal *Correio de Alagoinhas* agora já impresso com o título *Correio de Távora*, traz na primeira página uma matéria intitulada “As duas Etapas” que testemunha essas indefinições. Referindo-se aos problemas que foram gerados com a Proclamação da República por conta de um povo despreparado para vivê-la e

[†] Juracy Magalhães também relatou sobre a invasão da cidade de Alagoinhas no livro *Minhas Memórias Provisórias*. Essa narrativa não foi trazida neste texto, pois o objetivo aqui foi comparar a narrativa produzida pelos memorialistas locais com aquelas produzidas pela imprensa, seja dessa ou de outras cidades.

de políticos incapazes de conduzi-la, o redator questiona se não seria o “24 de Outubro” mais uma utopia na vida nacional. (CORREIO DE TÁVORA, 15.11.1930).

Mas os impasses em torno da política baiana dão-se tão logo se faz a nomeação dos primeiros interventores: o coronel Ataliba Osório, e depois o matemático Leopoldo Amaral que foi alvo de duras críticas desferidas por políticos decaídos e pela própria imprensa. A situação, ao que parece, já era suficientemente desconfortável, inclusive para quem apoiou a revolução, como é o caso do J. J. Seabra. Em reunião que ocorreu na Bahia no início de fevereiro daquele ano, para definir a substituição de Leopoldo Amaral, Seabra se fez ausente e não enviou representante, mostra de seu descontentamento pela condição em que se achava em relação à política no Estado (CORREIO DA MANHÃ, 11.02.1930). Nessa reunião, o nome de Juracy Magalhães foi cogitado para assumir o cargo, mas a nomeação foi feita a Artur Neiva. A esse período, no exílio, Otávio Mangabeira era informado em minúcias dos desdobramentos da Revolução. Numa das cartas, recebidas de Fiel Fontes, fora assegurado de que Seabra fingia ter prestígio, mas já se ouvia por toda parte o lema que mais tarde seria a bandeira da oposição: A Bahia é dos baianos. (CARTAS DO EXÍLIO, 2012: 94).

Quanto a oposição na Bahia, o pequeno grupo que se organizava em Salvador desde o início de 1931, chamado nas Cartas do Exílio de “os meninos” já se articulava, frequentemente, com os correligionários de Mangabeira em Alagoinhas. Em carta enviada a Otávio Mangabeira por Dantas Bião, a situação política do Estado é o principal assunto. Bião afirmava não ter sofrido incômodos, mas os amigos sim. Além disso, considerava que os jornais já se achavam mais desassombrados, podendo tecer algumas críticas, razão pela qual acreditava que, pela pressão, em breve haveria uma Constituinte. Já se aconselhava, portanto, a organização de partidos políticos. (CARTAS DO EXÍLIO, 2012: 138).

Assim, ainda que a oposição fosse desarticulada por conta das circunstâncias em que foi organizada, ela procurou, de certo modo, atuar da maneira que era possível. Em Salvador, os amigos de Otávio Mangabeira puseram-se em campo para movimentar instituições e pessoas favoráveis a ele. Manifestações de solidariedade, artigos para a imprensa, entre outras ações, foram as primeiras medidas tomadas por esse grupo. Como se observa, mais interessados pelo retorno de Otávio Mangabeira do exílio, que de uma oposição propriamente dita.

Em Alagoinhas essa situação foi semelhante. Os dirigentes locais à frente do *Correio de Távora* driblavam a censura tecendo elogios ao trabalho desenvolvido pelo interventor do

Estado, mas abraçavam o movimento “pró-regresso Otávio Mangabeira”. Considerando-o como “brilhante parlamentar”, revelavam que os alagoinhenses tinham em Otávio Mangabeira um grande servidor e que, por isso, acompanhavam com interesse o movimento em prol do seu regresso, “orgulho da Bahia querida” (CORREIO DE TÁVORA, 13.07.1931).

No entanto, em setembro de 1931, essa oposição recebeu de Getúlio Vargas, mais um motivo para se fortalecer: a nomeação de Juracy Magalhães para a interventoria federal na Bahia. Somente quando o governo do Estado foi entregue a um jovem cearense, ferindo os brios dos grupos políticos baianos, único estado, à época, governado por um forasteiro, é que esse grupo buscou maior coesão, por julgar esse ato do governo federal um desrespeito aos baianos. Era preciso, pois, reagir a essa nomeação e à permanência de Otávio Mangabeira no exílio.

Ainda assim, permaneceram as estratégias dos políticos locais veiculadas no periódico alagoinhense. Ainda que reconhecessem o esforço de Juracy Magalhães para resolver os problemas que assolavam a Bahia, principalmente porque tinham “por norma estar sempre ao lado dos governos que trabalha[vam] em benefício da coletividade”, os dirigentes locais, através do *Correio de Távora* não escondiam o interesse em torno da nova lei eleitoral e menos ainda, o desejo de ver Otávio Mangabeira assumir o poder do estado (CORREIO DE TÁVORA, 12.12.1931). Prevendo a aproximação de novas eleições, seus dirigentes afirmavam que, se por ventura Otávio candidatasse ao governo do Estado teria estrondosa votação (CORREIO DE TÁVORA, 21.11.1931).

Juracy Magalhães, por seu turno, foi hábil em estabelecer alianças com líderes políticos no interior do Estado. Em dezembro de 1931 já se lia pela imprensa local, acerca das visitas que ele havia planejado aos diversos municípios da Bahia. A justificativa era “indiretamente: ascultar as possibilidades para desenvolver a lavoura e diretamente o motivo era inspeccional” (CORREIO DE TÁVORA, 12.12.1931). Não tivemos acesso às edições do *Correio de Távora*, do ano de 1932, mas sabemos, por outras fontes, que o interesse de Juracy Magalhães por Alagoinhas era, no mínimo, revelador de seus interesses políticos. Esteve presente em Alagoinhas em diferentes ocasiões, tais como a posse do Conselho Consultivo e a greve dos ferroviários, ambos em 1932.

Além disso, tentou beneficiar a cidade com uma Estação de Citricultura, cuja notícia já era espalhada na imprensa do Rio de Janeiro desde maio de 1932 (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19.05.1932), mas que efetivamente só vai ser inaugurada na cidade em 1933. Como já

observamos em outros trabalhos, essa injeção na economia alagoinhense, devia-se não apenas a afamada laranja que era produzida na cidade, mas, também, porque Alagoinhas reunia todos os pré-requisitos para produzir mais, em função do solo e da quantidade de água, e exportar mais, em função da estrada de ferro e da proximidade com a capital do Estado. (BATISTA: 2014, p. 9).

Fora a importância em relação à agricultura, Alagoinhas era, no campo da política, o reduto eleitoral do maior rival de Juracy Magalhães na Bahia. Otávio Mangabeira, desde 1932 já articulava a formação dos quadros de oposição na cidade. Em janeiro daquele ano escreveu a Bião orientando a formação de um diretório da LASP - Liga se Ação Social e Política (CARTAS DO EXÍLIO, 2012: 262). No ano seguinte, Euvaldo Pinho, cunhado de Otávio Mangabeira informava-o que São Felix, Lençóis e Alagoinhas já estavam cientes do trabalho que teriam de fazer para eleição da bancada constituinte que se aproximava, mas a candidatura de Juracy Magalhães já havia sido lançada na cidade de Alagoinhas por Mário Cravo, por esta razão urgia que o diretório local lançasse o nome de Otávio, mostrando que, Alagoinhas ainda era um reduto dele, e que aquele gesto não refletia o pensamento da maioria do eleitorado (CARTAS DO EXÍLIO, 2012: 45, v.2.).

Ainda no ano de 1932, se espalhou na cidade e na capital do estado, a notícia de que Juracy Magalhães teria tentado contato com Bião. A despeito do que estava sendo divulgado, Euvaldo Pinho explicava a Otávio Mangabeira, em carta datada de 07 de janeiro: “de referência ao Bião, o que há certo é que ele nem esteve com o Juracy. Não se viram. Nem houve entendimento algum”. A notícia foi desfeita, mas ficou o conselho: “acho bom Mangabeira escrever ao Bião, aconselhando o alistamento até que ordens venham sobre eleição” (CARTAS DO EXÍLIO, 2012: 63).

Enquanto oposição e situação se organizavam em Partidos e Ligas, os políticos locais à frente do *Correio de Távora* tentavam acompanhar o desfecho da Revolução de 30, tomada por eles como uma Revolução fracassada. O jornal, a essa época, estava sendo impresso com o seu antigo nome. Para os dirigentes do periódico, “(...) a Revolução não conseguiu, apesar do seu termo-cautério liberal, cicatrizar as úlceras abertas nos organismos da Velha República.” (CORREIO DE ALAGOINHAS, 30.03.1933). Assim, autointulando-se imparcial aos fatos, conduzia as edições dos jornais, dedicadas à campanha do pleito que se aproximava, entre as propagandas do PSD, mandadas divulgar pelo prefeito Mário Cravo, as críticas aos

revolucionários e matérias que exaltavam as figuras de Otávio Mangabeira e J.J. Seabra, ambos, líderes da oposição a Juracy Magalhães na Bahia.

As condições não foram favoráveis à vitória da oposição naquela eleição de maio de 1933. Mário Cravo, que desfrutava de boas relações locais, investiu na campanha em favor do PSD e o seu investimento surtiu efeito nas urnas. Naquele pleito, a oposição elegeu apenas dois de seus representantes. Diante do insucesso, os correligionários de Otávio Mangabeira buscaram se fortalecer. Em setembro de 1933 já é possível contar com mais um ator político nos quadros da oposição na cidade. Em campanha em prol da doação de um Fardão da Academia Brasileira de Letras feita por amigos de Mangabeira na capital do Estado, José Martins de Carvalho, comerciante de destaque na cidade assinou uma matéria no *Correio de Alagoinhas* falando do importante papel que a cidade assumiria nessa Campanha (CORREIO DE ALAGOINHAS, 20.09.1933).

Ainda neste ano é possível ler matérias que, por um lado, criticavam o serviço de iluminação feito pela prefeitura na Praça J. J. Seabra, no centro da cidade, reclamava a abertura de um Posto médico e o melhoramento da cadeia pública e, por outro, dava notícias das sucessões políticas em São Paulo como exemplo a ser seguido, discutia o novo Código Eleitoral e fomentava a sindicalização de agricultores. As matérias parecem refletir um periódico cada vez mais inclinado à oposição. Registre-se que José Martins de Carvalho assinou algumas delas ou dirigindo-as a Mário Cravo, ou rebatendo as réplicas dele, também publicadas no jornal. Não obstante esses dados é preciso cautela para definir a linha editorial do jornal.

No ano de 1934, o periódico mantém essa linha de equilíbrio, ora fazendo elogios à interventoria do Estado, ora criticando-a intensamente. Em fevereiro publicou uma sátira sobre o carnaval e o momento político: “Sua majestade Momo renunciou o direito de nobreza, que ser apenas interventor” (CORREIO DE ALAGOINHAS, 03.02.1934). Em março, engrossou o caldo dos jornais que apelavam pelo retorno de Otávio Mangabeira do exílio para formar a concentração oposicionista (CORREIO DE ALAGOINHAS, 15.03.1934). No mesmo mês publicou “O toque de reunir da Oposição” em que disse, textualmente, que a Revolução de 30 talhou, e que a Bahia, fiel às suas tradições políticas estava com todos os seus elementos a postos. Homens que teriam sido apeados em 1930 estavam voltando glorificados pelos insucessos dos revolucionários (CORREIO DE ALAGOINHAS, 31.03.1934).

Em abril fez duras críticas ao empastelamento do jornal *O Trabalho*, de Juazeiro, afirmando que essa ação era uma confissão de culpa dos responsáveis pelo governo do Estado (CORREIO DE ALAGOINHAS, 21.04.1934), e a partir de junho passou a publicar matérias diretamente relacionadas às eleições, cuidando de esclarecer sobre o processo de candidatura, alistamento e, sobretudo, o voto secreto. Ganham também espaço no jornal, escritos sobre o integralismo, o fascismo e o nazismo.[‡]

Em julho de 1934, a notícia sobre o fim da censura à imprensa antecedeu o próprio nome do Jornal. A partir dessa data, os oposicionistas passaram a atuar nesse veículo de comunicação com mais liberdade de oposição. Nessa edição, publicou-se a matéria “Aos alagoinhenses” assinada pelo Presidente em exercício da Ação Acadêmica Autonomista, Francisco Vieira Filho, e o secretário Euvaldo Pires de Albuquerque que apelavam:

Dai mais uma prova do vosso civismo, mostrando aos que nos governa pela força que a nossa coragem cívica ainda não feneceu. É preciso povo heroico da minha terra, que a Bahia seja entregue a um de seus filhos. Alistai-vos e nas urnas mostrai que ainda sois dignos representantes de titãs como Ruy Barbosa (...) Alistai-vos para defendermos a autonomia de nossa terra tão humilhada por forasteiros que nos aviltou. (CORREIO DE ALAGOINHAS, 17.07.1934).

Ainda no mês de julho, o periódico publicou mais uma matéria que esclarecia sobre o voto secreto, e nesta, comparou como seria a escolha do eleitor para o futuro governo do Estado. Orientava ao eleitor a escolher entre a “Chapa PSD”, e eleger Juracy Magalhães que tanto havia prestado serviços à Bahia, com a diminuição de impostos, que desafogou os pobres do saldo da política decaída, e a “Chapa Governador Otávio Mangabeira” para quem pensasse que na Bahia restava alguém em condições de governá-la (CORREIO DE ALAGOINHAS, 28.07.1934) Esta matéria, em alguma medida, põe em dúvida sobre a linha política do referido jornal, mas a edição de 04 de agosto de 1934, agora sob direção de Jonas Batista de Oliveira, marcou o alinhamento dos dirigentes do periódico com a os autonomistas e a campanha pela “desumilhação da Bahia” que eles levaram para todo o interior do Estado.

(...) As figuras de maior projeção no cenário político da Bahia estão decididos a uma campanha, a mais formidável pela autonomia do Estado. Todos conhecem a história da Bahia nesse quadriênio de insegurança e desrespeito aos direitos do povo. Sem liberdade e sem autonomia, o seu povo sofreu os maiores opróbios, as mais cruéis vergonhas. Salvaram-se apenas os que participaram dos “pratos de lentilhas do governo em paga de uma servidão humilhante”. (...) De um

[‡] Esse aspecto não será objeto de nossa discussão nesse momento. Para se ter uma ideia acerca do Integralismo em Alagoinhas ver: Alves Neta, Amélia Saback. *Os verdes às portas do sertão: doutrina e ação política dos integralistas na Bahia (1932-1945)*. Dissertação de Mestrado. UNEB, 2012.

lado, a facção dominante (...) do outro, os chamados decaídos. Vem dispostos. Este período de privações outra coisa não conseguiu a não ser lhes robustecer os espíritos. Por tudo isso a luta será titânica (...) (CORREIO DE ALAGOINHAS, 04.08.1934).

Ainda nessa matéria, os redatores informavam sobre as caravanas autonomistas que estavam cortando o estado de norte a sul e que iriam dizer da necessidade da Bahia dominar a si própria. Segundo eles, sob aquela Cruzada de libertação desfraldada pelo “velho de alma moça”, estavam os nomes mais caros da Bahia, de incontestável prestígio político.

Na edição seguinte, Carlos Olympio de Oliveira, correligionário de Otávio Mangabeira que ao lado de Dantas Bião liderava a oposição na cidade, assumiu a direção do periódico. Estava aberta a campanha pela desumilhação da Bahia em Alagoins (CORREIO DE ALAGOINHAS, 25.08.1934). A partir dessa edição, as críticas foram mais enfáticas às ações do governo, como a agressão ao diretor do jornal *O Pojuquense*, que era autonomista. Fizeram ainda, campanhas direcionadas aos ferroviários, buscando uma aproximação com esse grupo que era também, alvo dos pessedistas (CORREIO DE ALAGOINHAS, 04.09.1934).

A partir de setembro, com a aproximação do pleito eleitoral era preciso radicalizar na campanha. Na edição do dia 11, a matéria de capa trazia mais uma vez a foto de Otávio Mangabeira e indagava: “Tendes patriotismo? Sois baiano? Reintegres a Bahia na posse de si mesma. Votais para governador do Estado no eminente conterrâneo DR. OCTÁVIO MANGABEIRA”. No interior do jornal, nessa e em outras tantas edições, várias matérias sobre o voto secreto, num franco interesse de esclarecer ao eleitor que o tempo do “voto de cabresto” havia findado. Informava ainda que “o jornal estava sofrendo perseguições políticas” por estar ao lado da oposição (CORREIO DE ALAGOINHAS, 11.09.1934).

O destaque dessa edição de setembro, no entanto, fica para a publicação do Manifesto da Concentração Autonomista na cidade. No estado, esse foi o principal Partido de oposição ao PSD (SAMPAIO, 1992: 96-102). Fruto de uma reunião realizada no dia 31 de Agosto no “Cinema Ideal”, o grupo autonomista de Alagoins organizou a campanha local e tomou medidas para a visita de Otávio Mangabeira, planejando o programa de sua recepção com a divisão das atividades em duas comissões, uma feminina e outra masculina. Assinaram o documento cinquenta pessoas, com destaque para a participação das mulheres que contavam 21 no total.

Nesse ano, outra mulher, também do círculo dirigente local, mas do quadro do PSD, iria pleitear o cargo de vereadora. Áurea Cravo, mãe de Mário Cravo, o prefeito, foi a primeira mulher eleita na cidade. Em oposição a ela, na Concentração Autonomista, estavam muitas conhecidas. A oposição de mulheres foi composta por Maria Caroline de Souza, Adalgiza Bião Lima, Leonídia Argelo Dórea, Cecília Pereira, Alves Eponímia Bastos, Isabel Paranhos Leal Costa, Maria Magdalena Paranhos de Azevedo, Júlia Feijó de Souza, Maria Ribeiro Sacramento, Theresinha Santos Silva, Atella Agrippino Seixas, Letícia Bastos, Floricea Vianna, Gildeth Castro, Zuleika Carvalho, Arlinda Leal Dantas, professora Gecenita Carvalho, Zami Brito, Carmosina Marques Pereira, Totinha Goes e Professora Risoleta Carvalho.

Entre os homens, os nomes mais expressivos da política local na primeira República: Antônio Martins de Carvalho Junior, que já havia assinado algumas matérias criticando o governo local, José Lúcio dos Santos Silva, político influente de Riacho da Guia e grande exportador de fumo, Jose Martins de Carvalho, Júlio Feijó, produtores de laranja, Jonas Batista de Oliveira, que teria assumido a direção do jornal no mês de julho daquele ano, Rogaciano Guedes Vasconcellos, líder político local e Carlos Olympio Pinto de Oliveira, candidato a deputado e diretor do periódico *Correio de Alagoinhas* (CORREIO DE ALAGOINHAS, 11.09.1934).

A partir de então, todas as ações das caravanas autonomistas que tiveram lugar no interior do Estado foram noticiadas pelo periódico. A visita de Otávio Mangabeira à cidade era tratada de modo a gerar grande expectativa tanto em Alagoinhas, quanto na capital do Estado. Esperava-se que Alagoinhas demonstrasse que se matinha na vanguarda dos que se empenharam para assegurar à Bahia um governo civil e baiano. As mulheres disseminavam informações sobre a recepção a Otávio e mandava imprimir os programas para distribuí-los na “Gare”, os homens empenhavam-se em afiliar os operários da Leste nas hostes autonomistas, os dirigentes do *Correio de Alagoinhas* diziam ir “com Octávio até onde Octávio quiser ir” e demandavam esforços para publicar entrevistas com os principais representantes do autonomismo no Estado, a exemplo de Jayme Junqueira Alves e Jaime Baleeiro (CORREIO DE ALAGOINHAS, 07.10.1934).

Assim, Alagoinhas, o “segundo berço” de Otávio Mangabeira, foi uma das últimas cidades que ele visitou. “A última visitada e a primeira a glorifica-lo, conforme destacou o jornal”. Os moradores da cidade receberam Otávio Mangabeira ao som das duas principais

filarmônicas e dos estrondos de vários foguetes, ainda na Estação Ferroviária. Em seguida fizeram uma “formidável procissão” até a Praça J. J. Seabra onde muitos discursaram e Otávio, após quatro anos da Revolução de 30 afirmou que “Alagoinhas é sempre Alagoinhas e nunca seria Joaquim Távora”. O cortejo seguiu para a casa de Dantas Bião, onde foi servido um banquete, e de lá, a comitiva seguiu para o comício na Praça Ruy Barbosa. Findado o comício houve ainda um “sarau dançante”, no Palacete de Dantas Bião (CORREIO DE ALAGOINHAS, 13.10.1934).

O delírio com o qual foi conduzido pelos alagoinhenses repercutiu na cidade, na capital e nos demais estados. Em Salvador, o jornal *O Imparcial*, que cobriu todo deslocamento das caravanas autonomistas fez um registro desse momento de recepção em Alagoinhas destacando-a como uma “recepção triunfante da Caravana Autonomista” que anteviu o ressurgimento da Bahia liberta da camarilha politqueira e voraz (O IMPARCIAL 09.10.1934). No Rio de Janeiro, *O Diário de Notícias* publicou uma matéria assinada por um autonomista na qual enfatizou a convulsão do povo de Alagoinhas. Segundo o articulista, os oradores quase não podiam falar ante os aplausos que os interrompiam. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 20.10.1934).

Com o alistamento de mais de quatro mil eleitores, distribuídos em quinze Seções, o resultado dessa campanha na cidade foi positivo para a *Concentração Autonomista da Bahia*. Em quase todas as Seções, a votação era esmagadora em favor da Chapa Governador Otávio Mangabeira que conseguiu eleger quatro deputados federais naquele pleito. Mas os resultados ainda estavam indefinidos em relação ao quadro estadual. Além disso, muitas Seções que haviam sido anuladas teriam nova votação, a última delas, marcada para o dia 30 de dezembro daquele ano.

Os “decaídos” da Revolução de 30, portanto, tentavam retomar os seus lugares de mando, inclusive na imprensa, conforme foi revelado em Alagoinhas. Essa guerra, porém, ainda teria muitas batalhas. Como se pode observar, se a fundação de novos Partidos não precisava do crivo dos coronéis e políticos locais, não se pode afirmar o mesmo de sua consolidação. A caça aos votos no interior foi decisiva em todos os pleitos eleitorais da década de 1930, razão pela qual não se pode negligenciar o papel assumido por famílias tradicionais e representantes políticos locais, e o alcance dos discursos e propagandas que criaram ou reproduziram nas suas instâncias de poder. Como vimos, Alagoinhas, cidade cenário da última batalha travada pelas tropas revolucionárias no estado da Bahia, cuja

dificuldade e vitória repercutiram na imprensa da capital federal, foi a primeira cidade na Bahia que derrotou, nas urnas, o PSD, imprimindo na história política da Bahia, as marcas da atuação da oposição no interior do Estado.

FONTES:

Jornal *Correio de Alagoinhas e Correio de Távora*, Alagoinhas, (1929/1934)

Jornal *Sete Dias*, Alagoinhas, S/D.

Jornal *O Imparcial*, Salvador, 1934

Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1930/1934

Jornal, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1930/1934

O Jornal, Rio de Janeiro, 1930

Revista *A Batalha*, Rio de Janeiro, 1930,1933

OCTÁVIO Mangabeira. *Cartas do exílio (1930-1934)*. Org.: Consuelo Novais Sampaio. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2012. v.1 e 2.

REFERÊNCIAS:

ALVES NETA, Amélia Saback. *Os verdes às portas do sertão: doutrina e ação política dos integralistas na Bahia (1932-1945)*. Dissertação de Mestrado. UNEB, 2012.

BATISTA, Eliana Evangelista. “Reações à Concentração Autonomista no interior da Bahia”. In: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*, ANPUH, Natal-RN, 2013.

_____. “Os autonomistas e os poderes locais na Bahia durante o governo Vargas”. *Anais da IX Semana de História Política: Conflitos e Identidades na Modernidade/VI Seminário Nacional de História: Política, cultura e Sociedade*. ISSN 2175B31X. PPGH/UERJ, 2014.

BARROS, Salomão. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador, 1979.

MAGALHÃES, Juracy. *Minhas memórias provisórias: depoimentos prestados ao CPDOC*. Coordenação de Alzira Alves de Abreu, Eduardo Raposo Vasconcelos e Paulo César Farah. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

SAMPAIO. Consuelo Novais. *Poder e representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992.

SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático (Bahia, 1945)*. Salvador: Assembleia Legislativa. 1992.

_____. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930/1949)*. Salvador: EDUSFBA, 2011.

PAIXÃO, Carlos Nássaro Araújo da. *Traços da cidade de Alagoinhas: memória, política e impasses modernização (1930/1949)*. Dissertação de Mestrado. UNEB, 2009.